

DIÁLOGOS ENTRE A CORPOREIDADE E A EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES DO CORPO DE ESCOLARES

Ms. SUÊNIA DE LIMA DUARTE

Docente do Curso de Educação Física

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros/RN

E-mail: limaduarte-uern@hotmail.com

Ms. HUDSON PABLO DE OLIVEIRA BEZERRA

Prof. do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e da Prefeitura Municipal de Portalegre

E-mail: hpobezerra@gmail.com

Esp. HELDER CAVALCANTE CÂMARA

Docente do Curso de Educação Física

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros/RN

E-mail: redlehcc@gmail.com

RESUMO

Os estudos realizados sobre o corpo têm detectado diferentes formas de compreendê-lo, dentre as quais se percebe aquelas compreensões pautadas numa visão dicotômica e que, na contemporaneidade, tem sido problematizada por estudiosos de diferentes áreas. Dessas discussões um aspecto que parece ser unanimidade é que a visão dual de corpo ainda está presente, em maior ou menor grau, no imaginário e se materializando nos diferentes contextos e espaços sociais. Dos diversos espaços, pensamos a escola, local onde se desenvolvem práticas educativas que visam a formação dos alunos enquanto sujeitos do processo ensino aprendizagem e que deve ou deveria possibilitar uma compreensão da totalidade humana, enquanto ser uno e indivisível. Considerando essa especificidade nos indagamos se a escola estaria atuando de forma efetiva nesse processo formativo. Para responder esse questionamento realizamos este estudo que tem como objetivo analisar as percepções dos escolares do Ensino Fundamental da cidade de Pau dos Ferros quanto à compreensão de corpo. Para atingir o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e, utilizando para análise dos dados, o método fenomenológico, uma vez que discutiremos e proporemos novas formas de perceber o corpo enquanto expressão viva do sujeito, de forma integral e não fragmentada. A população foi composta por escolares do ensino fundamental da rede Estadual da cidade de Pau dos Ferros-RN. A amostra foi constituída por oito escolares na faixa etária de 12 à 14 anos. Os resultados apontaram uma percepção de corpo dos alunos pautada em uma visão de corpo dualista, na qual os mesmos apresentaram um discurso baseado numa fragmentação de corpo e mente. Nessa perspectiva, o corpo é visto numa ótica cartesiana, em que o mesmo é percebido de forma inferior a consciência, reduzindo-se a um “corpo máquina”, tal como concebe a fisiologia mecanicista, que reduz a ação ao esquema estímulo-resposta.

Palavras-Chave: Corporeidade – Educação Física – Escolar.

Ao longo dos tempos, diversas foram as investigações que se propuseram a problematizar as questões que envolvem a Educação Física e os estudos da corporeidade. Nessas, percebemos que múltiplas foram as concepções que se esforçaram na busca por definir e entender a Educação Física, bem como o corpo, e apresentar suas diferentes funções e representações sociais.

Embora tenhamos encontrado outras concepções sobre a Educação Física e as suas funções sociais, nota-se um consenso entre os estudiosos de que essa atua com a existência corporal dos sujeitos. Como citam Gonçalves e Azevedo (2007, p. 202) a Educação Física não é apenas “uma prática pedagógica onde professor e aluno se relacionam num espaço dinâmico”, mais do que isso, ela é “uma área do conhecimento presente na grade curricular da escola, onde o corpo, como seu objeto de intervenção, é o principal referencial a ser considerado no trabalho do professor e na ação do aluno”.

Nessa busca pela definição do objeto de estudo da Educação Física visualizamos que os estudos de Elenor Kunz (1991) ganharam destaque. Na concepção crítica-emancipatória proposta pelo autor, o conhecimento da Educação Física pode ser entendido a partir da ideia de “cultura de movimento”, e dessa forma seria responsável por conteúdos como: esportes, lutas, ginástica, danças e jogos.

Ao refletirem sobre a cultura de movimento proposta por Kunz (op. cit.), Mendes e Nóbrega (2009, p. 2) reconhecem essa como “uma acepção pedagógica extremamente fecunda para a área”. Todavia, baseadas nos estudos da fenomenologia, acrescentam que esta deve relacionar corpo, natureza e cultura. Assim, de acordo com as autoras:

A cultura de movimento, ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história. Um conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do ser corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais (op. cit., p. 6).

Essa ampliação teórica proposta por Mendes e Nóbrega (op. cit.) deixa marcas de uma concepção de corpo que busca superar as conhecidas dicotomias, por exemplo, entre corpo e mente, corpo e espírito. Dessa forma, apontam para uma compreensão de corpo como pleno de historicidade e subjetividade, além disso, alargam os horizontes de atuação da Educação Física sobre o corpo.

Os estudos sobre o corpo despertaram e continuam a despertar o interesse de inúmeras áreas, sejam elas: filosofia, religião, ciência, arte, educação, dentre outras. A partir das conclusões destes estudos são (ou foram) atribuídos ao corpo “valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-sujeito, corpo-prótese” (NÓBREGA, 2001, p. 1). Com base nisso, evidenciamos que a compreensão do corpo esteve e estará permeada de inscrições da área que o investiga e das influências do contexto em que ele foi/é estudado, sendo assim, as diferentes compreensões a respeito do corpo fornecerão as informações necessárias para que através de suas contradições possamos pensá-lo e compreendê-lo de uma forma mais esclarecedora para posteriores intervenções.

Com os estudos da fenomenologia de Merleau-Ponty o corpo passa a ser entendido sob novos olhares. Ao pensarmos sobre o corpo devemos compreendê-lo como aspecto primordial da existência humana, ele “é a medida da nossa existência no mundo”. Além disso, “o corpo não é uma coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora”. Assim, visualizamos que o corpo é um múltiplo de dimensões que não se fragmentam, mas, ao contrário, se complementam para caracterizar cada sujeito (NÓBREGA, 2010, p. 15-47).

Ainda de acordo com Nóbrega (op. cit., p. 11) “é a realidade do corpo que nos permite sentir e, portanto, perceber o mundo, os objetos, as pessoas. É a realidade do corpo que nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher”. Assim, diante dessa ótica de análise é importante que reconheçamos que não temos um corpo, antes, nós somos o nosso corpo (MEDINA, 1990).

Com base na concepção de corpo de Merleau-Ponty (1994), Comim-scorsolini e Amorim (2008, p. 194-195) citam que:

O corpo é visto como ativo, deixando de ser encarado como receptáculo passivo das forças externas e de determinações do meio, exercendo apelo sensível, comunicando-se com o mundo e fazendo com que ele se torne presente como o local familiar da vida do homem.

Dessa forma, o corpo a partir de sua experiência vivida passaria a atuar como agente ativo nas construções sociais e não apenas como receptor dessas. Portanto, “o corpo é um conjunto de significações vividas e a produção de novas significações se dá no corpo enquanto situado em um mundo” (COMIM-SCORSOLINI e AMORIM, 2008, p. 195).

Nóbrega (2000b) destaca que Merleau Ponty (1994) critica as concepções de corpo defendidas pelo empirismo e intelectualismo, pois de acordo com essas concepções o corpo se

resume a objeto ou a um modo do espaço objetivo, bem como uma ideia de corpo, como o faz a psicologia clássica. O autor, ao contrário, concebe o corpo com base na perspectiva fenomenológica e o compreende a partir da experiência vivida.

Além disso, ressalta a autora supracitada, o corpo expressa seus sentidos, como também os constrói, a partir da sua experiência em movimento. Segundo ela:

A experiência do corpo em movimento ajuda-nos a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de um modo geral. Pelas diferentes possibilidades de expressão corporal, podemos compreender a indeterminação da existência, possuindo vários sentidos, elaborados na relação consigo mesmo, com o outro, com o próprio mundo (NÓBREGA, op. cit., p. 6).

É a capacidade de se movimentar que confere ao corpo a expressividade necessária a sua interação social bem como a compreensão de seus sentidos. Para Merleau-Ponty (1994) apud Nóbrega (2010, p. 72) “a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento”. Nesse panorama o movimento é visto como intencional, torna-se a expressividade do ser no mundo vivido, é a realização maior do corpo para experiência da vida.

Baseados nesse entendimento corroboramos com Mendes e Nóbrega (2004, p. 133) e visualizamos o corpo como nossa possibilidade de existência. Segundo as autoras podemos percebê-lo como “imperfeito, maravilhoso; ao mesmo tempo em que se mostra, esconde muito do que é registrado durante suas vivências”.

Assim, como afirma Bertuol (2005, p. 228) “é através da corporeidade que somos, interagimos, construímos e sobrevivemos no mundo”. E mais, “o sentido da corporeidade revela-se na dinâmica do corpo em movimento, configurando uma linguagem sensível, gestos, silêncios, pensamentos e fala” (NÓBREGA, 2000a, p. 105).

Ao compartilharmos do entendimento de que somos seres corporais em movimento é necessário repensarmos o corpo e sua relação com a educação. Para isso, nos baseamos em Nóbrega (2005, p. 610-613) cujo estudo buscou refletir sobre o lugar do corpo nos processos educativos. Segundo a autora “não se trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais”. Além disso, a autora ainda complementa que, “a agenda do corpo na educação e no currículo deverá necessariamente alterar os espaços e

temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados”.

Então se o corpo já está incluso, qual seria o espaço mais propício para a vivência corporal? Sem querer eliminar os outros espaços, temos na Educação Física um local adequado para o trato com o corpo, pois esta o tem como objeto de estudo e vivência. É com o corpo¹ que as aulas de Educação Física se materializam.

Portanto, entendemos que a Educação Física, no desenvolvimento de suas práticas no espaço pedagógico, deve compreender o corpo dos alunos como expressão viva do sujeito, de forma integral e não fragmentada. Bem como é necessário que os professores tenham a consciência de que, assim como os seus alunos, eles também são existencializados na realidade através dos seus corpos, liberando em sua expressividade corporal as intenções e significados de sua vida.

É a partir da vivência que tomamos consciência das coisas e, a forma com que experimentamos o ato de viver pode determinar, em maior ou menor grau, a consciência que temos, a qual pode reforçar o imaginário social ou permitir uma reflexão sobre o corpo, sobre si mesmo e sobre a vida.

Dessa forma temos o corpo, compreendido na sociedade a partir da influência de uma visão cartesiana, na qual, ele é um mero instrumento a serviço da mente. O corpo é pecador e a mente, a razão. A essa última, todas as glórias e ao primeiro, todas as culpas. É nessa conjuntura que se constrói na sociedade a valorização das coisas relacionadas ao pensar e a desvalorização das coisas corporais. O corpo é, nessa medida, o instrumento para o trabalho a serviço daqueles que pensam. Essa visão encontra no capitalismo lugar fecundo para o seu crescimento.

Essa concepção instrumentalista/utilitarista de corpo desconsidera alguns aspectos, pois não são essenciais ao trabalhador. É essencial ter força e disposição, qualidades essenciais para o trabalho. Os aspectos sensíveis e expressivos do corpo, como não dão lucro, são descartados. Forma-se assim uma sociedade em que o corpo se assemelha a uma máquina e que, paulatinamente, vai perdendo sua característica eminentemente humana. Assim, sorrir, chorar, sentir, amar em plenitude passam a ser coisas proibidas, pois a sociedade nos coage a não ter determinados comportamentos. É talvez por isso que se fala que “homem não chora”. Nos questionamos: Homem não chora? Ou não deve chorar? Ou qual é o problema de chorar?

¹ É preciso deixar claro que, quando falamos corpo, não estamos fragmentando-o. O corpo neste trabalho é uno e indivisível.

Dessas questões podemos inferir que o natural do homem passa a ser desnaturalizado e se cria um discurso que naturaliza aquilo que é de interesse no determinado contexto. Cria-se o pudor, o medo, a vergonha, que se fortalecem e, o sensível vai se amofinando até que uma razão criada se sobrepõe ao que é verdadeiramente humano.

Contudo, como vimos anteriormente, é possível uma vivência corporal que nos permite ser verdadeiramente humanos e, determinadas vivências da Educação Física são efetivamente fecundas para o alcance desse ser.

Dadas essas considerações, procuramos verificar como o corpo é compreendido pelos alunos do ensino fundamental de uma escola da rede Estadual de ensino da cidade de Pau dos Ferros-RN e, para tanto, realizou-se um entrevista com 8 alunos da referida escola.

Das respostas podemos perceber que elas, de forma significativa, convergem para compreensão de corpo numa visão biologicista, visão essa que parece estar presente no imaginário social e ter sido construída historicamente. No Brasil, a Educação Física constituiu-se inicialmente sofrendo a influência da tendência higienista (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2001), que tinha uma aproximação com a saúde. A prática da atividade física e de hábitos de higiene era promotora de saúde, para seus defensores.

O que podemos perceber é que esta tendência, mesmo com o passar dos anos, encontra-se bastante presente no imaginário social, de tal forma que, ao se pensar o corpo, o que predomina é a associação com aspectos orgânicos e biológicos.

Daólio (1995, p. 134) confirma isso ao afirmar que “os corpos dos alunos, sobre e por meio dos quais a Educação Física atua, resumem-se exclusivamente em um conjunto de ossos, músculos, articulações, células e nervos.” Indica ainda que a própria atuação da Educação Física se firma na aptidão física dos alunos.

A ênfase nessa visão orgânica por ser ratificada na fala dos alunos quando afirmam que:

“Corpo é carne. Osso. Sangue”.

“Corpo é isso” e “É isso que todos ‘tem’”.²

“Carne, osso... qualquer coisa assim.”

Outra resposta afirmava que “O corpo é uma inspiração de Deus”. Essa resposta apresentada pode indicar uma associação de corpo à religiosidade, aspecto esse que mostra que a igreja ainda tem influência no pensar coletivo.

² Quando os entrevistados fizeram estas afirmações apontaram para seus corpos, indicando que o corpo é matéria orgânica: pele, carne, etc.

O que se percebe é que o corpo se apresenta como orgânico, portanto, uma parte de um todo, ou seja, numa visão dualista. Dessa maneira o corpo nunca é totalidade, pois ignora as diversidades culturais que impregnam o corpo uno, bem como os aspectos sensíveis e expressivos que o completa.

Não se percebeu, talvez pela idade³, uma visão instrumental para corpo, e o motivo quiçá esteja relacionado a esses alunos ainda não estarem inseridos no mercado de trabalho e ou porque a sociedade atual tem valorizado muito mais os aspectos relativos à racionalidade e, dessa forma, os aspectos corporais, mesmo instrumentais, não ganham tanto destaque.

Para finalizar, o que se percebe é que no imaginário social dos discentes pesquisados há um predomínio significativo de um pensar pautado numa perspectiva biologicista, portanto, visualizado somente a partir de um aspecto, como único visível, perdendo a perspectiva de totalidade corporal. Dada essa realidade, urge pensar estratégias para que as escolas e a Educação Física possibilitem vivências corporais numa visão de totalidade para, a partir de então, experienciemos o mundo a partir de nosso corpo. Um corpo que imagina, sonha, deseja, pensa, narra, conhece, escolhe, sente, portanto, sensível. Um corpo em plenitude.

REFERÊNCIAS

BERTUOL, Fernanda Pires. A corporeidade essencial a ação pedagógica. In: **Anais do V EDUCERE e III Congresso Nacional da Área de Educação**. Curitiba, p. 223-235, 2005.

DAÓLIO, J. Por uma Educação Física plural. **Motriz**. Campinas, v. 1, n. 2, p. 134-136, dez. 1995.

GHIRALDELLI JR., P. **Educação Física progressista: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GONÇALVES, Andréia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. **A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído da contemporaneidade**. *Pensar a Prática*, v. 10, nº 2, p. 201-219, jul./dez. 2007.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino & Mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e... “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. – 9º ed. – Campinas, SP: Papirus, 1990.

³ A idade da amostra pesquisada variava dos 13 aos 15 anos.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrócia da. **Corpo, natureza e cultura:** contribuições para a educação. Revista Brasileira de Educação. Nº 27, p. 125-137, set/out/nov/dez, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrócia da. **Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea:** uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. Motrivivência, v. II, nº 16, p. 1-11, março, 2001.

_____. **Merleau-Ponty:** o corpo como obra de arte. Princípios, UFRN, Natal, v. 7, nº 8, p. 95-108, jan/dez, 2000a.

_____. Núcleos interpretativos para uma teoria da corporeidade: o corpo em movimento. In: **23ª Reunião Anual da ANPED.** Caxambu, MG. 24 a 28 de setembro de 2000b.

_____. **Qual o lugar do corpo na Educação?** Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005.

_____. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.